

Em pleno Verão e em tempo de férias é também o tempo habitual de brindar os leitores com mais um número de *Páginas a&b*. Este é o terceiro número da revista em formato eletrónico, alteração que não foi fácil, muito porque o gosto em ter o exemplar na mão para folhear e manusear nos fazia resistir à mudança. Mas os constrangimentos financeiros obrigaram à transição para o digital e em boa hora o concretizámos. A revista ganhou, sem dúvida, outra dinâmica. O número de artigos submetidos para avaliação aumentou, a visibilidade da revista cresceu, o público internacional que passou a ter acesso aos conteúdos também se alargou e o processo das avaliações, mercê de um contacto mais expedito com os membros do Conselho Científico, também estes em maior número, passou a ser mais célere e com prazos mais rigorosos, graças ao uso da plataforma em que a revista está alojada.

Este número de *Páginas a&b* apresenta mais artigos do que os anteriores, fruto do aumento de textos enviados pelos autores e da qualidade dos mesmos. A presença dos colegas brasileiros tem tido, desde sempre, uma regularidade assinalável e este número não é exceção, pois conta com sete textos de autores brasileiros, sendo que dois desses autores desenvolvem, atualmente, os seus estudos em Portugal.

A temática dos diversos artigos é variada e aborda múltiplos problemas da maior atualidade. A comunicação da ciência é tema do texto de Gallotti, um trabalho que se enquadra no âmbito dos estudos de doutoramento que tem em curso, e Simões dá-nos uma perspetiva, simultaneamente histórica e atual, da problemática de elaboração de resumos, uma forma de tratamento documental especialmente dirigida à literatura científica.

As relações entre Informação e Cultura são objeto de análise por Ochoa e Pinto, discutindo a importância da medição e avaliação dos impactos e sua aplicação ao campo da informação, nomeadamente no que toca à identificação de novos indicadores e evidências para os serviços de informação.

As questões da memória e sua relação com os arquivos estão presentes em vários textos: Vivas apresenta um estudo muito interessante sobre a vida e a obra do bibliotecário-arquivista Mário Alberto Nunes Costa, tema que desenvolveu na sua tese de mestrado e que representa uma abordagem tanto inédita quanto fundamental para se conhecer o passado da profissão e uma das personalidades mais marcantes nesta área do saber. Espírito Santo também trata as questões da memória, analisando o caso particular do arquivo otomano e sua função social e Pontes estuda um outro caso específico, o arquivo pessoal do poeta Alberto de Moura. A completar este conjunto de textos, um artigo de Silva, que se foca no chamado “fundo local” das bibliotecas públicas, encarado como elemento identitário e de memória das comunidades.

Seguem-se dois textos de teor legislativo, um aspeto que na era da informação em que vivemos é da maior pertinência. Perlingeiro traz-nos um estudo comparativo do direito de acesso à informação na América Latina e Ferreira centra a sua análise no direito à informação nas bibliotecas públicas no contexto da lei brasileira.

A problemática do digital vai muito para além do enquadramento legislativo., embora não possa deixar de o ter em conta. Há questões técnicas da maior importância que os profissionais, os utilizadores e os próprios produtores de informação precisam dominar.

---

Alves e França ilustram os problemas com que se debate hoje a telemedicina no Brasil, analisando aspetos de preservação da produção audiovisual a partir da prática arquivística; Coutinho e Pestana mostram como está a evoluir o mercado editorial no estudo que fazem sobre os *ebooks*, uma investigação resultante de uma dissertação de mestrado.

A fechar a lista dos artigos, um estudo de Melo Filho e Alves sobre a formação de profissionais de informação a partir dos ingressos no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (Brasil) e das trajetórias profissionais dos graduados.

Reabrindo um espaço que tem estado um pouco esquecido nos últimos números da revista e que dá pelo nome de *Divulgar o passado*, publica-se um interessante texto de Cabral, a propósito de uma carta de Rocha Madahil ao bibliotecário António Cruz, então diretor da Biblioteca Pública Municipal do Porto. Também nesta secção se trata de preservar a memória da profissão, reforçando a identidade de uma área científica, a Ciência da Informação, cujas raízes em Portugal remontam a uma prática centenária e a uma afirmação disciplinar que emergiu na centúria de oitocentos e se consolidou com a criação do Curso Superior de Bibliotecário-Arquivista, instituído em 29 de dezembro de 1887.

Resta-me desejar a todos boas férias e boas leituras....

**Fernanda Ribeiro**